

**Solidariedades impressas (1917-1920):**

**o jornalismo operário como forma de ligação entre o movimento operário gaúcho e os trabalhadores organizados do centro do país no período das grandes greves**

Frederico Duarte Bartz.

Mestre em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Resumo:** A fundação de jornais por militantes operários foi uma das maneiras mais importantes para a difusão dos ideais e a união dos trabalhadores organizados. O período das grandes greves, que transcorre de 1917 a 1920, foi um dos momentos de mobilização mais significativos na República Velha brasileira. Considerando este fato, pretendo estudar as ligações do movimento operário do Rio grande do Sul com Rio de Janeiro e São Paulo pela imprensa escrita neste período, para compreender melhor os processos de trocas entre os diversos centros regionais.

**Palavras-Chave:** República Velha, jornalismo operário, circulação das idéias.

La fondation de journaux par des militants ouvriers a été une des manières plus importants pour la diffusion des idéals et l'union des travailleurs organisés. La période des grandes greves, qui passe de 1917 a 1920, a été un des moments de mobilisation plus significatives dans la Vieille République brésilienne. Considerant cet fait, prétends étudier les liassons du mouvement ouvrier de Rio Grande do Sul avec Rio de Janeiro et São Paulo pour le presse écrite dans cette période de grande agitation, pour comprendre meilleure les processus des changements entre les divers centres régionaux.

Paroles Clées: République Vieille Brasilienne, journalisme ouvriere, circulation des idées.

**Introdução**

O período que vai de 1917 à 1920 é considerado um dos mais importantes para a história do movimento operário brasileiro, devido ao número de greves e mobilizações de trabalhadores em muitas regiões do Brasil. Durante estes anos criou-se nos principais centros urbanos do país uma série de sociedades de resistência que tinham como objetivo instigar a classe operária a se organizar na lutar contra o estado e a burguesia. Uma das principais formas de expressão deste movimento foi o jornalismo operário, que não tinha somente a intenção de informar, mas também de conscientizar a classe e promover solidariedade entre os diversos centros de militância. Tendo isto em vista, pretendo analisar como alguns jornais operários do Rio Grande do Sul estabeleceram relações com o movimento operário do Rio de Janeiro e São Paulo; e como alguns jornais operários destes centros estabeleceram ligações com o movimento operário gaúcho neste período de intensa agitação social na República Velha brasileira.

Desde os princípios do movimento operário o jornal sempre teve um papel fundamental. Com efeito, os periódicos das organizações de classe não tinham como único objetivo informar sobre determinado fato ou deixar os trabalhadores inteirados do que ocorria em suas cidades. O jornalismo operário é acima de tudo um difusor de idéias e o jornal é o espaço privilegiado para a reflexão sobre a realidade. Como afirma Jorge Jardim Pastoriza:

A informação no jornal operário não tem o sentido apenas de divulgação de fatos e acontecimentos, mas antes de tudo de interpretar estes fatos à luz da teoria à qual a publicação está filiada [...] Não seria exagero afirmar que o jornal procura (ou as lideranças operárias através deste veículo) “pensar pelo leitor” ao transmitir-lhe a informação<sup>1</sup>.

Os primeiros jornais operários do Rio Grande do Sul surgiram na década de 1870 em Porto Alegre, tendo origem em sociedades mutualistas e por ação dos trabalhadores do

---

<sup>1</sup> JARDIM, Jorge Luís Pastoriza. *Comunicação e militância. A imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892-1923)*. Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS: Porto Alegre, 1990. pp.244-245. (dissertação de mestrado).

comércio; desta forma apareceu *O Caixeiro* em 1873, *O Social* e *O Caixeiro* de 1874<sup>2</sup>. No interior, circulou em 1878 *A Tribuna Socialista*, na cidade de Pelotas, órgão destinado à defesa da classe operária e à divulgação do socialismo<sup>3</sup>. E isto dois anos antes de surgir a mais antiga entidade de classe daquela cidade, a Associação Beneficente das Classes Laboriosas, que foi fundada em 1880, o que mostra que a fundação de jornais foi uma das primeiras ações organizativas das classes trabalhadoras.

Os periódicos de classe continuaram surgindo e se multiplicando, principalmente depois proclamação da República em 1889. Algumas folhas importantes surgidas neste período foram *A Gazetinha* de Porto Alegre em 1891, *A Democracia Social* de Pelotas em 1893, o *Eco Operário* de Rio Grande em 1896, *A Democracia*, de 1905 e *A Luta*, de 1906, ambos da capital. Mas não eram apenas os jornais produzidos pelos trabalhadores que eram “porta-vozes” dos militantes, por vezes jornais “populares” ou oposicionistas também abriam espaço para os operários como é o caso do *Rebate* de Pelotas, fundado em 1914 por um federalista.

Ao passar dos anos jornalismo operário do Rio Grande do Sul foi mudando seu discurso e seus objetivos entre as associações de trabalhadores organizados conforme se modificavam as correntes políticas. Além disso, a imprensa operária era uma arena de debates e veículo para fomentar ações, sendo um meio pelos qual os militantes procuravam imprimir mudanças no movimento operário, como atesta o confronto ocorrido em 1907, na cidade de Porto Alegre, entre os articulistas que escreviam no jornal anarquista *A Luta* e o periódico socialista *A Democracia*<sup>4</sup>.

Desta forma, os jornais operários ns anos que vão de 1917 á 1919 serão testemunhas dos protestos e reivindicações da classe trabalhadora em um momento de radicalização. Com efeito, neste período se observa a fundação de importantes periódicos como *A Época* (Porto Alegre, 1917), *A Arena* (Porto Alegre, 1918), *A Luta* (Porto Alegre, 1918), *O*

<sup>2</sup> MARÇAL, João Batista. *A imprensa operária do Rio Grande do Sul. (1873-1972)*. Porto Alegre. 2004.

<sup>3</sup> MARÇAL, João Batista. *A imprensa operária do Rio Grande do Sul. (1873-1972)*. Porto Alegre. 2004.

<sup>4</sup> Sobre este debate ver. SCHMIDT, Benito Bisso . A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907. *História Em Revista*, Pelotas, v. 6, p. 59-84, 2000.

*Syndicalista* (Porto Alegre, 1919), *A Dor Humana* (Bagé, 1919), *O Nosso Verbo* (Rio Grande, 1919) e a *União* (Uruguaiana, 1919).

Estas grandes mobilizações não se restringiam apenas ao Rio Grande do Sul, como indiquei logo acima, em outros locais também este fenômeno se repetia. Neste contexto, a articulação dos centros de militância ganha muita importância e para esta articulação, a circulação dos jornais operários terá um papel fundamental<sup>5</sup>.

O que este trabalho se propõe a estudar é esta troca de informações e articulação entre as associações de operários organizados do Rio Grande do Sul e os operários organizados do centro do país (Rio de Janeiro e São Paulo) por intermédio da imprensa operária, levando em consideração o fato deste veículo ter sido, e ainda ser, a fonte privilegiada para o estudo das idéias e ações dos trabalhadores organizados. Para isto vou estudar como *A Plebe* mostrou as greves de 1917 no Rio Grande do Sul e tentarei reconstituir algumas redes de troca de informações durante o período de ascensão do movimento ao longo de 1919, embora também trate esporadicamente de fatos relacionados à repressão ao movimento durante este mesmo ano e no início de 1920.

### ***A Plebe e as greves de 1917 no Rio Grande do Sul***

O ano de 1917 registra o começo de uma grande onda de greves no Brasil, apesar de já estarem em curso uma série de paralisações parciais desde 1916, é em 1917, no entanto, que o movimento se articula melhor e se generaliza. A maior greve deste ano foi a de São Paulo, ocorrida em junho, organizada por anarquistas que formaram um Centro de Defesa Proletária, para dar coesão ao movimento e encaminhar suas reivindicações aos patrões e aos poderes públicos<sup>6</sup>.

No Rio Grande do Sul também houve duas grandes paralisações, no mês de agosto, na cidade de Porto Alegre e de Pelotas. Assim como em São Paulo, nas cidades sulinas

---

<sup>5</sup> Sobre a importância dos jornais para se estudar casos que extrapolem o âmbito da história local ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. IN: ARAÚJO, Angela M. C. (Org.) *Trabalho, Cultura e Cidadania*. S. Paulo, Scritta, 1997. pp.100-101.

<sup>6</sup> Sobre a greve de 1917 em São Paulo ver: LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 2000*. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2000.

também formaram-se comitês para organizar a paralisação e encaminhar as reivindicações: a Liga de Defesa Popular em Porto Alegre e o Centro de Defesa Proletária em Pelotas<sup>7</sup>. Apesar da semelhança, não se pode falar simplesmente de uma “difusão” de um modelo, entre outras coisas porque os organismos criados para gerir a greve no Rio Grande do Sul não tinham o caráter marcadamente anarquista que assumiu em São Paulo. Mas se houve influência, ou fluxo de informações de um centro urbano e industrial maior como São Paulo, para centros menores, como Porto Alegre e Pelotas, informações do que ocorria no Rio Grande do Sul também eram acompanhadas de perto pelo proletariado paulistano e o veículo privilegiado para este fluxo foi o jornal *A Plebe*.

*A Plebe* surgiu durante a greve de junho de 1917, como jornal de difusão dos ideais anarquistas e veículo de mobilização dos militantes. Apesar de ter sido fundado durante a grande greve paulistana, o jornal fazia o acompanhamento do movimento grevista em outras cidades do estado e em várias partes do Brasil. No dia 4 de agosto, em uma página onde se estampava o título “*Imponente despertar do operariado do país*”, anunciava-se como *A Repercussão do movimento de São Paulo*, uma série de notícias de greves regionais das quais a primeira é a de Porto Alegre<sup>8</sup>.

O movimento grevista de São Paulo é mostrado como um catalisador que teria despertado os trabalhadores de várias partes do Brasil, como no Rio Grande do Sul. Sobre o movimento na capital gaúcha, o artigo dá destaque especial à fundação da Liga de Defesa Popular, publicando inclusive seu manifesto, destaca também a generalização do movimento, informando sobre a adesão dos ferroviários e a fundação do jornal *A Época* pelos grevistas.

Em 11 de agosto, foi publicada uma carta da Liga Operária de Pelotas apoiando os grevistas paulistanos e criticando a polícia paulista pelo assassinato de um operário<sup>9</sup>. Em 25 de agosto a situação se inverteu e foi *A Plebe* que denunciou as violências ocorridas em

---

<sup>7</sup> Sobre a greve de Porto Alegre ver SILVA JR, Adhemar Lourenço. “*Povo! Trabalhadores!*”: tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre 1917). Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1994. (dissertação de mestrado). Sobre a greve em Pelotas, LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: UFPel, 2001.

<sup>8</sup> *A Plebe*. São Paulo. p.3, 4, ago, 1917.

<sup>9</sup> *A Plebe*. São Paulo. p.4, 11, ago, 1917.

Pelotas. O tiroteio da polícia contra a Liga Operária e a morte de um dos apoiadores da greve foi destacado, além disso, também publicou-se um texto do jornal *O Rebate* afirmando que a cidade estava de luto<sup>10</sup>. No dia 1º de setembro *A Plebe* ainda se referia ao movimento de Pelotas, relatando o enterro do manifestante morto Domingos Barcellos de Almeida<sup>11</sup>.

Além destas duas greves significativas, também saíram notas sobre as paralisações dos ferroviários<sup>12</sup> e sobre a atitude dos trabalhadores organizados de Bagé, que enviaram uma carta ao Intendente pedindo soluções para o problema da carestia de vida<sup>13</sup>. De qualquer forma, se percebe que a mobilização dos trabalhadores de pontos distante do país “ecoava” na cidade de São Paulo a partir deste jornal, o que devia servir como incentivo à luta dos trabalhadores desta grande metrópole. Não foi possível, para o ano de 1917, averiguar se as notícias de São Paulo também faziam eco pelos jornais operários daqui, já que não existem periódicos que poderiam esclarecer sobre este fluxo, como *A Época*, mantida pela LDP. Este corredor de informações se tornará mais claro em 1919, quando surgem diversos jornais operários no Rio Grande do Sul.

### **As redes de troca de informações entre o Rio Grande do Sul e o centro do país durante as mobilizações de 1919**

Em 1919 o número de greves no Rio Grande do Sul se multiplicou, assim como os jornais operários que surgiram tanto na capital como no interior: *O Sindicalista* de Porto Alegre, *O Nosso Verbo* de Rio Grande e *A Dor Humana* de Bagé são fundados em meio às mobilizações daquele ano<sup>14</sup>. Na cidade de São Paulo, no início de 1919, ressurgiu *A Plebe*, que havia desaparecido pouco depois do seu surgimento, em 1917. No Rio de Janeiro, em agosto, aparece o *Spartacus*, periódico editado pelo mesmo grupo de militantes libertários

<sup>10</sup> *A Plebe*. São Paulo. p.2, 25, ago, 1917.

<sup>11</sup> *A Plebe*. São Paulo, p.2, 1º set, 1917.

<sup>12</sup> *A Plebe*. São Paulo, p.2, 8, set, 1917.

<sup>13</sup> *A Plebe*. São Paulo, p.3, 8, set, 1917.

<sup>14</sup> Sobre as greves daquele ano no Rio Grande do Sul ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *“Que a união operária seja nossa pátria”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

que haviam fundado um Partido Comunista do Brasil, em março daquele ano. As notícias sobre a revolução russa, inclusive, vão ser um dos temas com mais destaque a circular em pelos jornais operários do Brasil.

Algo que deve ser ressaltado é que os militantes gaúchos tinham acesso aos periódicos do centro do país. As remessas de um jornal como o *Spartacus* eram destinadas à vários estados, já que este periódico tinha um sistema de “pacotes”; encomendas a serem remetidas para fora da Capital Federal. Como “pacoteiros” aparecem muitos nomes gaúchos, alguns mais de uma vez: Abílio de Nequete, Polydoro Santos, G. Coutinho de Passo Fundo, a UGT do Rio Grande do Sul, Aguilar de Pelotas e Pedro Bischoff de Rio Grande. Todos estes, em algum momento de agosto de 1919 a janeiro de 1920, encomendaram pacotes com jornais para a distribuição local. Pode ser visto também um caminho inverso, em que materiais do Rio Grande do Sul ou opiniões de operários gaúchos aparecem no jornal carioca. Assim, no dia 25 de outubro, na seção de brochuras para venda havia *Ferrer Como Educador*, editado pela FORGS, e nesta mesma, edição na seção *Os Nossos Jornais*, aparecia *A Dor Humana* de Bagé<sup>15</sup>.

Neste dia o jornal também recebeu o apoio de operários do Rio Grande do Sul ao manifesto lançado pelo *Spartacus*, no seu número 9, *Os Anarquistas Brasileiros: Ao povo*<sup>16</sup>. Assinavam o apoio: Armando Martins, Gráfico; Djalma Fetermann, Professor Público; Nino Martins, Impressor; Orlando de Araújo e Silva, Empregado no Comércio; Orlando Martins, Gráfico; Polydoro Santos, Gráfico e Zenon de Almeida, Professor. Ainda em relação a operários gaúchos, no dia 10 de janeiro de 1920, aparece uma mensagem um tanto enigmática de Polydoro Santos para algum dos redatores do jornal: *Em mãos tua carta. O homem está são e salvo. O caso do Supremo resolve-se afinal favoravelmente e está liquidada de vez. Tens toda a razão no que dizes. Saúde*<sup>17</sup>. O mais provável é que se refira à Joaquim Pimenta, líder operário paulista, participante da greve daquele ano e que tinha sido enviado ao Rio Grande do Sul devido a sua deportação.

<sup>15</sup> *Spartacus* Rio de Janeiro, p.4, 25. Out. 1919.

<sup>16</sup> *Spartacus*. Rio de Janeiro, p.1, 27, set, 1919.

<sup>17</sup> *Spartacus*. Rio de Janeiro, p.4, 10. Jan. 1920.

Outro elo de ligação do jornalismo operário carioca com o Rio Grande do Sul foi desenvolvido através de Santos Barbosa, diretor do *Spartacus*<sup>18</sup>, que mantinha uma coluna esporádica no *Rebate* de Pelotas. Sua posição entre os militantes do Rio fez desse espaço no um canal privilegiado para a propaganda de novas idéias e das atividades do movimento operário na Capital Federal. No dia 6 de março, *O Rebate* publicou no uma entrevista com o anarquista Fábio Luz, em que um dos temas era a viabilidade da revolução “maximalista”<sup>19</sup> no Brasil<sup>20</sup>. No dia 19 de abril, o tema foi a conferência que o recém formado Partido Comunista havia realizado para responder a Ruy Barbosa, que também estava tratando da questão social em sua campanha. Além do mais, dava conta da rápida aceitação das idéias maximalistas no norte do Brasil, conforme as notícias da *Tribuna do Recife*<sup>21</sup>.

Em outra ocasião, a 7 de maio, *O Rebate* publicou uma esperada entrevista com o Dr. Kessler, representante da República Russa dos Soviets no Brasil. Na entrevista, feita secretamente por correio, o representante se refere as conquistas bolchevistas na Rússia e ao fato de que cada país haveria de ter sua forma de evolução social, fosse pelo maximalismo, o anarquismo, o espartacismo etc. O tal Kessler era na verdade, conforme Moniz Bandeira no *Ano Vermelho*, o advogado carioca Roberto Feijó, que publicou com este pseudônimo algumas cartas no jornal *A Época* do Rio de Janeiro<sup>22</sup>. Seria difícil dizer se a entrevista foi feita com Feijó ou inventada por Barbosa, mas sua publicação e o mistério no qual foi envolta, mostra que a imaginada vinda de um representante soviético devia mexer com as expectativas das pessoas, especialmente com os militantes. Mistério reforçado pelo final da entrevista, em que o Dr. Kessler afirmava ter acabado sua missão no Brasil e estando de partida, incógnito, para a América Central...

---

<sup>18</sup> Isto pode ser comprovado pelos militantes que produziam o jornal, cujos nomes foram publicados no seu primeiro número.

<sup>19</sup> Tradução de bolchevista.

<sup>20</sup> *Rebate*. Pelotas, p.1, 6, mar, 1919.

<sup>21</sup> *Rebate*. Pelotas, p.1, 7, maio, 1919.

<sup>22</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O ano vermelho. A revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. pp.338-339.



Como o *Spartacus*, *A Plebe* também era remetida para fora de São Paulo e em seu conteúdo existia farta matéria sobre a conjuntura nacional e sobre o movimento revolucionário internacional, algumas das quais foram reproduzidas por jornais do Rio Grande do Sul. Algumas reportagens encontradas no *Syndicalista* de Porto Alegre sobre a revolução russa tiveram origem n'A *Plebe*, como a matéria sobre a falsa morte de Kropotkin, que saiu no dia 5 de abril no jornal paulista e foi reproduzida no jornal de Porto Alegre a 7 de junho<sup>23</sup>. A matéria sobre as condições de vida na Rússia revolucionária, *A Revolução Social na Rússia e a Calúnia Burguesa*, que apareceu dia 2 de agosto n'O *Syndicalista* teve origem na *Plebe* de 19 de julho<sup>24</sup>. Não só as notícias, mas os fatos ocorridos em São Paulo e o que acontecia aos militantes paulistas também era destacado nos jornais gaúchos. No dia 2 de novembro, *A Dor Humana* estampou em primeira página a notícia do empastelamento d'A *Plebe*<sup>25</sup> e a 24 de janeiro de 1920, *O Syndicalista* publicou uma carta que criticava a deportação de Joaquim Costa Pimenta para o Rio Grande do Sul<sup>26</sup>. Por sua vez, jornais paulistas como *A Plebe* também publicavam notícias sobre o movimento operário do Rio Grande do Sul, como a preparação para o 2º Congresso<sup>27</sup> e as informações sobre o massacre decorrente da greve de Rio Grande<sup>28</sup>.

No sistema de pacotes d'A *Plebe* apareciam a União Operária Internacional e Polydoro Santos, o que garantia a chegada destes volumes para o estado. Além do jornal, é importante citar que o um livro escrito por Hélio Negro e Edgar Leuenroth, este último um dos responsáveis pela edição da *A Plebe*, para explicar a nova doutrina comunista, "*O Que é Maximismo ou Bolchevismo: O Programa comunista*" já era oferecido pel'O *Syndicalista* a 3 de setembro de 1919, pouco tempo depois de sua impressão na capital paulista<sup>29</sup>.

A forma de rastrear a difusão de informações, pelo sistema de pacotes, também não dá totalmente conta da rede de contatos formada pelos militantes, visto que muitos destes

<sup>23</sup> *A Plebe*. São Paulo, p.3, 5, abril, 1919.

<sup>24</sup> *A Plebe*. São Paulo, p.2, 19, jul, 1919.

<sup>25</sup> *A Dor Humana*. Bagé, p.1, 2, nov, 1919.

<sup>26</sup> *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.1, 24, jan, 1919.

<sup>27</sup> *A Plebe*. São Paulo, p.3, 5, abril, 1919.

<sup>28</sup> *A Plebe*. São Paulo, p.4, 24, mai, 1919.

<sup>29</sup> *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.4, 3, set, 1919.

jornais eram lidos e repassados para outras localidades. Um bom exemplo é o pequeno jornal da Sociedade Beneficente União dos Artistas de Uruguaiana, *A União*, que publicou em 22 de novembro um texto de Sebastien Faure sobre a atitude anarquista diante do bolchevismo e um texto sobre os deportados do Rio de Janeiro<sup>30</sup>, ambos oriundos do *Spartacus*, mesmo que no jornal carioca, entre os exemplares pesquisados, não tenha existido nenhum pedido de remessa para Uruguaiana.

Por intermédio destas referências dos jornais operários pode-se descobrir uma intensa troca de materiais entre os principais centros de militância do Brasil e o Rio Grande do Sul. Não pude estender esta pesquisa para outros estados, mas existem evidências de que materiais de regiões distantes chegassem até aqui. Um exemplo é o acima citado *A União* de Uruguaiana: mesmo distante dos principais centros de militância regional, este periódico contava entre os “*Jornais libertários brasileiros*”, além do *Spartacus* e do *A Plebe*, jornais como *A Aurora* de Petrópolis, *A Voz Operária* de Campinas e *A Tribuna* do Recife<sup>31</sup>. O que mostra que as redes de informações que se formavam podiam ser muito extensas, mantendo os militantes informados do que estava acontecendo mesmo em lugares muito afastados de onde estes militavam.

## Conclusão

Foquei aqui a relação dos militantes operários do Rio Grande do Sul, e de seus periódicos, com os principais jornais de classe do centro do país, *A Plebe* e o *Spartacus*. A difusão de informações e a troca de jornais através do Brasil não começaram neste período, mas aquele momento específico, de intensificação das práticas militantes, influenciou na intensificação deste fluxo. E estes textos que circulavam, contando os sucessos de outros trabalhadores organizados, eivados de linguagem revolucionária e de esperança em um

---

<sup>30</sup> *A União*. Uruguaiana, p.3-4, 22, nov, 1919.

<sup>31</sup> *A União*. Uruguaiana, p.4, 18, out, 1919.

mundo novo, com certeza potencializaram e deram mais significado às práticas destes militantes.

## **Bibliografia**

JARDIM, Jorge Luís Pastorisa. *Comunicação e militância. A imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892-1923)*. Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS: Porto Alegre, 1990. (dissertação de mestrado).

LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: UFPel, 2001.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 2000*. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2000.

MARÇAL, João Batista. *A imprensa operária do Rio Grande do Sul. (1873-1972)*. Porto Alegre. 2004.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O ano vermelho. A revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. IN: ARAÚJO, Angela M. C. (Org.) *Trabalho, Cultura e Cidadania*. S. Paulo, Scritta, 1997.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

SCHMIDT, Benito Bisso. A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907. *História Em Revista*, Pelotas, v. 6, p. 59-84, 2000.

## **Fontes**

*A Dor Humana.* Bagé. 1919.

*A Plebe.* São Paulo, 1917-1919.

*O Nosso Verbo.* Rio Grande. 1919.

*O Syndicalista.* Porto Alegre. 1919-1920.

*Spartacus.* Rio de Janeiro. 1919-1920.

*A União.* Uruguaiana. 1919.